

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

tema delicado exige redes de apoio, inclusive
para profissionais da saúde mental

Por: Focs, Agência Experimental de Jornalismo da Uniso

*Participaram dos processos de pesquisa e redação para esta reportagem os seguintes estudantes do programa de graduação em Jornalismo da Uniso: Ana Laura Gonzalez, Joyce Rosa, Thaís Pacífico e Verônica Ferreira

VIOLENCE AGAINST WOMEN:

sensitive topic demands support networks,
even for mental health professionals

By: Focs, Uniso's Experimental News Agency

*The following students of Uniso's undergraduate program in Journalism took part in the research and writing processes for this story: Ana Laura Gonzalez, Joyce Rosa, Thaís Pacífico, and Verônica Ferreira

O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.

The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.

*Acesse aqui a edição completa/
Follow the link to access
the full magazine:*



“Ele era legal, no início. Era engraçado e todo mundo gostava dele, até que as atitudes abusivas começaram: ele não queria que eu tivesse amigos homens, não queria me deixar usar roupas justas ou curtas, e começou a brigar por tudo. Se eu chegasse um pouco mais tarde do trabalho, era motivo para dizer que eu estava ‘aprontando’. Terminamos diversas vezes e, em todas, eu me sentia culpada. Mesmo tendo sido traída, eu sempre voltava atrás. Na última vez, em 2017, eu já tinha depressão e já havia afastado todos os meus amigos. Então o abuso ficou diferente: ele começou a me xingar e a dar tapas em meu rosto; pelo menos uma vez na semana eu apanhava. Eram chutes, murros, empurrões, enforcamentos... Eu estava definhando, tanto que tentei me matar duas vezes. Minha mãe, coitada, não sabia de nada; eu era do tipo que sofria calada. Numa ocasião, eu desmaiei. Ele me levantou para me levar para casa e, quando chegou, pediu milhões de desculpas. Para não piorar a situação, eu disse que ele estava perdoado. Quando fui tomar banho, eu estava toda roxa, cheia de mordidas e de marcas de dedos. Ele fez o que quis comigo.”

O relato anterior, apesar de chocante, é real. Não só na vida de M., 23 anos, uma vítima de **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER** — cuja identidade foi preservada —, mas na de milhares de outras mulheres em todo o mundo que, em algum momento, já sofreram abusos semelhantes. De acordo com dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada três mulheres, uma já foi submetida a algum tipo de violência física e/ou sexual. Violências desse tipo normalmente são cometidas por pessoas próximas; quase um terço (27%) das mulheres de 15 a 49 anos que estiveram em um relacionamento já foram submetidas, em algum momento, a algum tipo de violência física protagonizada por seu parceiro.

Para essas mulheres, falar sobre a violência pode ser terapêutico. É por isso que algumas Delegacias de Defesa da Mulher (DDMs) oferecem plantão psicológico. Na DDM da cidade de Votorantim, por meio de uma parceria com a Uniso, o serviço é oferecido por uma equipe de estagiárias do curso de Psicologia.

E, se ler tal relato nas páginas de uma revista pode ser bastante angustiante, imagine então ouvir histórias como essa, várias e várias horas por dia. Mesmo para psicólogos, já formados ou

“He was nice at first. He was funny, and everyone liked him, until the abusive attitudes started: he did not want me to have male friends, he did not let me wear tight or short clothes, and he started fighting over everything. If I arrived a little late from work, it was enough reason for him to accuse me to be ‘up to something.’ We broke up several times, and each time I felt guilty. Even though he cheated on me, I always got back together with him. The last time, in 2017, I already had depression, and had already pushed all my friends away. Then the abuse changed: he started cursing me, and slapping me in the face; at least once a week I got beaten up. He would kick me, punch me, choke me... I was languishing, so much that I tried to kill myself twice. My mom did not have a clue; I was that kind of person that would suffer silently. On one occasion I passed out. He picked me up to take me home and when we arrived he apologized a million times. Trying to avoid making it even worse, I told him he was forgiven. When I took a shower, I realized I was all bruised, covered in bites and finger marks. He did whatever he desired to me.”

This statement might be shocking, but it is real. Not only in the life of M., a 23-year-old victim of **DOMESTIC VIOLENCE**—whose identity has been preserved—but also in the life of thousands of other women around the world who, at some point, have been similarly abused. According to data published by the World Health Organization (WHO), for every three women, one has already been subjected to some kind of physical and/or sexual violence. Such violence is often committed by close people; almost a third (27%) of women aged 15 to 49 who have been in a relationship have been subjected, at some point, to some sort of violence perpetrated by their partner.

For these women, talking about violence can be therapeutic. That is why, in Brazil, some police stations specialized in combating violence against women—the so-called Precincts for Women Defense (or DDMs, in the Portuguese acronym)—offer psychological assistance. At the DDM in the city of Votorantim, through a partnership with Uniso, the service is offered by a team of interns from Uniso’s undergraduate program in Psychology.

And, if reading this kind of statement in the pages of a magazine can be quite distressing already, just imagine hearing stories like this, over

PARA SABER MAIS: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher, como consta no levantamento histórico presente na pesquisa de Bini, é um fenômeno sistêmico de longa data, respaldado por uma cultura de misoginia e por um sistema patriarcal, tradicionalmente centrado no poder masculino. Esses conceitos foram questionados pelos movimentos feministas, já no século XIX, quando as mulheres passaram a reivindicar direitos em variadas frentes, uma luta que se estende até hoje. Das transformações sociais que ocorreram durante todo esse período, incluem-se o direito ao voto, ao divórcio e ao acesso à educação superior, entre outras vitórias.

No Brasil, quando o assunto é violência contra a mulher, uma das conquistas mais emblemáticas é a Lei Maria da Penha, em homenagem à farmacêutica de mesmo nome, que, desde 1983, lutava bravamente para ver seu agressor condenado, tendo seu caso resolvido apenas em 2002. A lei foi sancionada em 7 de agosto de 2006 e tem como objetivo proteger a mulher da violência doméstica e familiar.

Apesar de ser uma vitória para as mulheres, a violência de gênero ainda é uma realidade em todo o mundo, e as DDMs são uma forma de contribuir para a redução desse tipo de crime. Estabelecidas pela primeira vez na cidade de São Paulo em 1985, hoje elas estão distribuídas por todo o território brasileiro, somando cerca de 400 delegacias ao todo. Nessas delegacias são prestados os serviços de prevenção, proteção e investigação dos crimes que envolvem violência doméstica e sexual contra mulheres.

TO KNOW BETTER: VIOLENCE AGAINST WOMEN

Violence against women, as documented in Bini’s research, is a longstanding systemic phenomenon, supported by a culture of misogyny and by a patriarchal system, traditionally centered on male power. These concepts were questioned by feminist movements in the 19th century, when women began to claim rights on various fronts, a struggle that continues to this day. The social changes that took place throughout this time include the right to vote, to get divorced, and to take part in higher education, among other claims.

In Brazil, when it comes to violence against women, one of the most emblematic achievements is a law named after Maria da Penha, a pharmacist who had been fighting bravely since 1983 to see her aggressor convicted. Her case was resolved in 2002. The law was enacted on August 7, 2006, and is intended to protect women from domestic violence.

Despite the fact that laws like this represent a victory for women, gender violence is still a reality, and specialized precincts are a way to contribute to the reduction of this kind of crime. Established for the first time in the city of São Paulo in 1985, these police stations are now distributed throughout the whole Brazilian territory, totaling around 400 police stations. They provide prevention, protection, and investigation services for crimes involving domestic and sexual violence against women.

em formação, há um preço a se pagar: estresse, muitas vezes, e a necessidade de criar mecanismos de defesa. Para a professora doutora Andressa Melina Becker da Silva, do curso de Psicologia da Universidade de Sorocaba (Uniso), existe, por parte de muita gente, uma crença de que os psicólogos são “super-heróis” imunes a qualquer questão relativa à saúde mental, quando, na verdade, eles também precisam de apoio, como qualquer outra pessoa. “Definitivamente”, ela diz, “é preciso que o super-herói deixe a capa no cabide.”

Foi disso que tratou, em seu trabalho de conclusão de curso, a estudante de Psicologia Mara Bini. A pesquisa culminou no artigo “Percepções sobre o Plantão Psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher”, apresentado em 2020. O estudo evidencia que as responsáveis pelo acolhimento às vítimas de violência contra a mulher também precisam de apoio psicológico. Para chegar a essa conclusão, Bini entrevistou a equipe responsável pelo plantão psicológico na DDM de Votorantim, que, na época da coleta dos dados, era composta por 16 estagiárias de Psicologia, além de uma delegada, duas escritas e quatro estagiárias de Direito, totalizando 23 mulheres entre 19 e 56 anos.

Pesquisa identificou desgaste emocional e físico entre profissionais

As perguntas foram elaboradas com a intenção de avaliar as percepções que as participantes tinham em relação à violência contra a mulher e aos impactos em suas vidas. As respostas foram então analisadas com o apoio de um software de análise textual chamado Iramuteq, que ajuda pesquisadores a identificar padrões em conjuntos de textos. Por meio da análise lexical das respostas, foi possível chegar à conclusão de que os atendimentos desencadeiam desgastes físicos e emocionais nas ouvintes.

Uma estagiária anônima conta, por exemplo, que, sentindo a necessidade de desabafar, muitas vezes ela chegava em casa e compartilhava os relatos que ouvia com seu marido. Outra relata crises de choro e dores no estômago após os

and over for hours a day. Even for psychologists, whether graduated ones or still students in training, it surely takes a toll: often in the form of stress, accompanied by the need to create defense mechanisms. For professor Andressa Melina Becker da Silva, a faculty member at Uniso’s Psychology program, many people believe psychologists are some sort of “superheroes”, immune to any issue related to mental health, when, in fact, they also need support, just like anyone else. “The superhero definitely needs to leave the cape on the hanger,” she says.

That is what Psychology student Mara Bini’s final project was about. Her study was ultimately turned into a paper titled “Perceptions about the emergency psychological service at a Women’s Police Station,” published in 2020. The study shows that those who are responsible for taking care of victims of violence against women also need psychological support. In order to reach this conclusion, Bini interviewed the team in charge of psychological care at the DDM in Votorantim, which, at the time, was composed of 16 Psychology interns, in addition to a police chief, two clerks, and four Law interns, totaling 23 women ranging from 19 to 56 years old.

The study identified the occurrence of emotional and physical distress among these professionals

The questions were designed to assess the participants’ perceptions on violence against women, and its impacts on their personal lives. The answers were then analyzed with the support of a software for textual analysis called Iramuteq, which helps researchers to identify patterns in sets of text. Through the lexical analysis of the answers, it was possible to conclude that the sessions conducted with victims trigger physical and emotional reactions on the listeners.

An anonymous intern tells, for example, that she used to go home and share the stories she heard with her husband, feeling the urge to vent. Another one reports intense crying and stomach pains after

atendimentos. Houve também uma estagiária que relatou não se sentir abalada durante o atendimento em si, mas que, ao chegar em casa, percebia-se preocupada e se perguntando se a mulher atendida por ela estava bem.

“Muitas delas levam os conteúdos para casa, então é fundamental ter um trabalho de saúde mental dentro das delegacias, para efetivamente cuidar das mulheres que cuidam, por conta da identificação e da projeção que acontecem ali. De alguma forma, por mais que se tente ser profissional, esse estresse é levado para dentro de casa e para as relações que essas mulheres têm”, destaca Bini.

Segundo a pesquisadora, um dos efeitos desse tipo de prática, que faz parte do trabalho dos psicólogos, é o desenvolvimento de um escudo emocional: uma espécie de “couraça” que se cria para ser capaz de manter um distanciamento dos casos e não se envolver emocionalmente de forma danosa. O atendimento psicológico certamente pode ajudar a lidar melhor com essas questões, o que significa que se faz necessária uma rede de apoio não só para as usuárias atendidas pelo serviço de plantão psicológico, mas também para as agentes da delegacia, e mesmo para as psicólogas.

No caso das profissionais da Uniso, Silva explica que essa função é cumprida durante a supervisão dos estágios: “Muitas vezes as estudantes não têm recursos financeiros para buscar terapia e esse é um ponto bastante importante, então, indiretamente, a supervisão realizada na universidade acaba cumprindo uma dupla função. Isso faz muita diferença no suporte emocional para essas alunas e, como a supervisão é conduzida em grupo, cria-se essa rede de apoio.”

the appointments. There was also an intern who reported not feeling particularly shaken during the sessions, but feeling overly worried after getting back home, wondering if the assisted woman was okay.

“Many of them take the stuff they hear back home with them, so it is essential to have mental health assistance inside the police stations, to effectively take care of the women who take care of other women, due to the identification and projection that take place there. Somehow, no matter how hard one tries to be professional, this stress is carried into one’s home and straight into the relationships these women have,” Bini emphasizes.

According to the researcher, one of the effects of this type of practice, which is part of the work of psychologists, is the development of an emotional shield: a kind of “armor” that is created and allows one to keep a distance from the cases, thus not getting involved emotionally in a harmful way. Psychological assistance can certainly help to better deal with these issues, which means that a support network is needed not only for the women who are assisted by the psychological care service, but also for police officers, and even for psychologists themselves.

When it comes to mental health professionals at Uniso, Silva explains that this need is addressed during internship supervisions: “It is common that students do not possess financial means to afford therapy, and this is a very important issue to consider, so the supervision that takes place at the university ends up playing both roles. This makes much difference regarding emotional support for these students, and given the fact that supervision happens in groups, we are effectively establishing a support network.”

Com base no artigo “Percepções sobre o plantão psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher”, de autoria de Mara Cristina Normidio Bini e da professora doutora Andressa Melina Becker da Silva, ambas da Uniso. O artigo foi publicado no volume 32 da revista Psicologia USP, em 2021.

Acesse o texto completo do artigo original por meio dos QR codes ao lado, em português (1) e inglês (2):

Use the QR codes to access the full text of the original research, both in Portuguese (1) and English (2):

